REFERENCIAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

N.º 27 / ABRIL A JUNHO 92 / ANO 8

EDITORIAL

25 DE ABRIL. UM ACTO DISPENSÁVEL?

Merece alguma atenção a forma como, insidiosamente, algumas personalidades com má consciência face ao 25 de Abril, vêm procurando desacreditar o seu significado, lançando dúvidas sobre a sua oportunidade e deixando implícita a ideia de que o regime caetanista (e mesmo antes, em pleno salazarismo), evoluia para a democracia, evolução que, em alguns aspectos, o 25 de Abril até veio prejudicar.

Fixemo-nos em três exemplos recentes.

1. O general Kaulza de Arriaga, na linha do seu livro "Guerra e Política", expressou, num debate na RTP que depois achou por bem reforçar em artigo em "O Dia", a ideia de que *"(...) no conceito ultramarino português, já então (no tempo de Salazar) estava prevista a autodeterminação oportuna dos territórios ultramarinos portugueses (...)"* Pormenorizando esse conceito esclarece Kaulza que, conseguido um *"(...) grau de desenvolvimento promissor de autodeterminações autênticas(...)"* teria lugar uma *"(...) informação por forma exaustiva e isenta das populações dos territórios sobre as características e "módus faciendi'sdos diversos arranjos políticos possíveis - unidade, federação, confederação, comunidade ou separação total (...)"*. Depois seguir-se-ia uma *"(...) consulta, geral e igualmente isenta, das mesmas populações, sobre os arranjos políticos em verdade desejados"*. Salazar, ao revelar este conceito ao seu confidente Kaulza, recomendou insistentemente que *"(...) deveria considerar-se, ainda por alguns bons anos, segredo de Estado"*. O povo português e os seus militares que em África combatiam, o que tinham a ver com isso?!...

A década de noventa seria aquela em que o processo seria viável pelo que, subentende-se, foi o 25 de Abril que o veio invibializar.

(Continua na pág. 20)

SUMÁRIO

Editorial	1
Recordar a Nossa História	3
Testemunhos	4
Ler, Ver e Ouvir	5
Opinião	6
Documentos do Nosso Tempo	7 e 8
Mosaico	9
Cartoon de V.S.	10 e 11
Vida Associativa	12 e 13
Está Dito	14
Da Direcção	15
Das Delegações e Núcleos	16 e 17
Desporto e Recreio	19

FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADE:
Associação 25 de Abril
Rua Luís de Camões, 47
2795 Linda-a-Velha

DIRECÇÃO:
Pedro Pezarat Correia

IMPRESSÃO:
Tip.-Escola ADFA
Rua Artilharia Um
Telef. 65 35 93
1000 LISBOA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

TIRAGEM:
4000 exemplares

ENDEREÇOS:
Associação 25 de Abril
Rua Luís de Camões, 47 • Tel. 4198105 • Fax 4198130
2795 Linda-a-Velha
DELEGAÇÃO DO NORTE
Apartado 4678
4012 PORTO
DELEGAÇÃO DO CENTRO
Apartado 3041
3000 COIMBRA
NÚCLEO DO ALENTEJO
Rua Bernardo Santareno, nº 2
Bairro das Nogueiras
7000 ÉVORA
NÚCLEO DO ALGARVE
Rua Francisco Gomes, 18 - 1.º
8000 FARO
NÚCLEO DE CASTELO BRANCO
Bairro Buenos Aires, 47
6000 Castelo Branco

Depósito Legal N.º 32998/89

VISITE-NOS E ESCOLHA UMA OFERTA PARA OS SEUS AMIGOS

Medalhas Comemorativas do 25 de Abril A25A

- 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92

Diversos

- Escudetes, cinzeiros, guiões símbolo da A25A (miniatura) e emblemas (A25A e MFA)

Discos

- XV Aniversário do 25 de Abril "Canções Heróicas" de Fernando Lopes Graça - Canto Celeste Amorim/Piano Madalena Sá Pessoa
- Festa de Abril - cantam - Adelaide Ferreira, Bombo da Festa, Fernando Tordo, Jorge Palma, José Beato, José Mário Branco, Maria Guinot, Pedro Barroso, Tino Flores, Tó Zé Brito, Vitorino.
- Maria Guinot

Serigrafias

- De Francisco Simões
- De Guilherme Casquilho
- Acerte

Litografia

- De João Luís

Livros

- Seminário - 25 de Abril - 10 anos depois
- "Descolonização de Angola - A Jóia da Coroa do Império Português" de Pezarat Correia
- "Centuriões ou Pretorianos?" de Pezarat Correia
- Ultramar "Pequenas Histórias por Contar" de José Valentim de Matos
- "Sombras de Pessoa(s) de Julião Bernardes
- "96 Quadras em Jeito de Missão" de Julião Bernardes
- "Vida e obra de Pedro Nunes" de Manuel Sousa Ventura
- "Balada de uma Revolução" de Franco Carretas

COLABORE CONNOSCO
LEIA E DIVULGUE
O NOSSO BOLETIM

Capa *– Para o número de "O Referencial" do Outono escolhemos como capa esta fotografia do nosso associado Paixão Esteves. É bela e contém o convite à tranquilidade própria desta estação*

PEDRO ÁLVARES CABRAL

Capitão-Mor duma poderosa Armada com destino à Índia, que em Abril de 1500 descobre (oficialmente o Brasil)

Nasceu em Belmonte por 1467 ou 68 e morreu provavelmente em Santarém no ano de 1520.

Entrou para a corte de D. João II como moço-fidalgo; mais tarde, D. Manuel deu-lhe o foro de fidalgo do seu conselho, oferecendo-lhe lugar na Ordem de Cristo e uma tença anual.

Pelo casamento com D. Isabel de Castro, tornou-se parente por afinidade com Afonso de Albuquerque.

Ignora-se que serviços prestou antes de ser enviado ao Oriente.

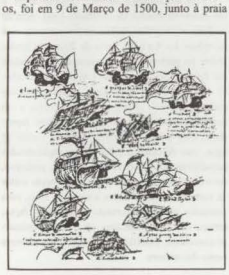
O certo é que, depois do regresso de Vasco da Gama, da descoberta do caminho marítimo para a Índia, decidiu o monarca enviar à Índia uma grande armada que impusesse o seu prestígio e iniciasse a vinda regular dos produtos orientais.

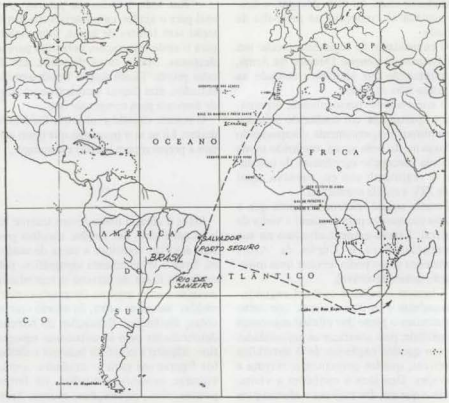
É de crer, porém, que além deste objectivo, houvesse também o de realizar o descobrimento oficial do Brasil e a tomada de posse dessa região, não sendo alheia a tal objectivo, a presença na armada, sem qualquer comando, de Duarte Pacheco Pereira, o qual fora incumbido dois anos antes, pelo rei, de descobrir a parte ocidental, como se depreende de um passo da sua obra "Esmeraldo de situ orbis".

Nela se narra a existência, para oeste do grande mar Oceano, de uma "tão grande terra firme com muitas e grandes ilhas adjacentes a ela".

Pedro álvares Cabral foi nomeado Capitão-mor da Armada com destino (oficial) à Índia.

A partida da Armada formada por 13 navios, foi em 9 de Março de 1500, junto à praia





do Restelo, em Belém, tendo antes, na ermida do Restelo sido celebrada missa pelo bispo de Ceuta.

Pela narrativa de Pero Vaz de Caminha, atingiram as Canárias em 14 e tocaram em Cabo Verde a 22 de Março.

Aí se verificou a falta da nau de Luís Pires que voltava a Lisboa em perigo. As demais naus seguiram viagem afastando-se muito para Oeste, e ao cabo de quase um mês, a 21 de Abril, na terça-feira da semana da Páscoa, tiveram indícios de proximidade de terra: vegetais que boiavam nas ondas. Vinte e quatro horas passadas, avistava-se um cume da serra dos Aimorés, a que o Capitão-mor deu o nome de Monte Pascoal; à terra chamou-lhe de Vera Cruz (o rei D. Manuel, chamar-lhe-ia de Santa Cruz).

A 23 de Abril ancoravam os navios junto à foz de um rio; como, porém, o local não fosse dos melhores, decidiram seguir ao longo do litoral, até que no dia 25 de Abril fundeou a esquadra no porto que Cabral denominou Porto Seguro.

Desembarcaram num ilhéu, onde no domingo 25 de Abril, celebrou-se a primeira missa.

Em terra firme, do Continente, foi celebrada missa a 1 de Maio, tendo sido colocado um padrão da madeira esculpida no local.

Os indígenas de início surpresos e esquivos foram, depois, confiados.

Diz Castanheda que se estabeleceram relações amigáveis com os indígenas, que "levaram muito refresco e sem nenhum medo entravam nas naus".

Durante a missa, "se juntou muita gente da terra e faziam grandes festas".

Para comunicar ao rei a boa notícia, foi enviado a Lisboa, Gaspar de Lemos na sua caravela, levando entre outras, a célebre carta de Pero Vaz de Caminha.

Deixaram em terra dois degredados, um de nome Afonso Ribeiro e dois grumetes que, na véspera, ainda não tinham "tornado de excursão".

A 3 de Maio, Pedro Álvares Cabral e a sua armada levantaram ferro para a Índia.

Texto de: Barbosa Pereira

PARA MIM NÃO HÁ PROBLEMAS

Sexta-feira ao fim da tarde. Véspera de fim-de-semana que, naqueles tempos dos finais da década de cinquenta, porque se trabalhasse mais, ou mais devagar, o fim-de-semana só começava ao meio-dia de sábado.

O comandante do regimento recebe um telefonema do general Director da Arma, comunicando que visitará a unidade na segunda-feira seguinte.

O comandante, personalidade espontânea e apaixonada, era conhecido pelo seu dinamismo, frequentemente ultrapassando a fronteira do bom senso, traduzido numa vincada concepção egocêntrica de comando. O regimento sou eu, pensava, qual Luís XIV à escala regimental.

Perante aquele telefonema sentiu que o tempo escasseava para preparar a visita do general. Estava empenhadíssimo na sua nomeação para o Curso de Altos Comandos e não podia arriscar uma informação menos favorável.

Chamou o tenente-coronel segundo-comandante e os dois majores, que então constituíam o pleno dos oficiais superiores da unidade, para satisfazer as necessidades de um quadro orgânico de 3 batalhões efectivos, quadro permanente, recruta e serviços. Deu-lhes a conhecer a visita, posto o que um dos majores o alertou para uma falha preocupante:

- "Meu comandante, o nosso general é um obcecado pelas caixas de areia (*) e não temos nenhuma no regimento".

- "Não temos, faz-se" ripostou de pronto o comandante.

O segundo-comandante, apoiado pelos majores, tentou introduzir um pouco de bom-senso:

- "Mas, meu comandante, a sexta-feira está no fim, mete-se o fim-de-semana e nós não temos nada. Nem caixa, nem areia, nem bonecos, nem o trabalho topográfico".

O comandante impacientou-se:

- "Oh homem, não levante problemas. Faz-se. Chame-me aquele rapaz, aquele tenente da secção técnica, que é um gajo desenrascado. Como é que ele se chama?"

- "É fulano".

- "Esse mesmo. Que venha cá".

Veio o tenente. A experiência já lhe dizia. Chamado áquela hora, tinha serão garantido. Mal sabia o que o esperava.

O comandante pô-lo ao corrente do que se passava e rematou, sem deixar margem para dúvidas:

- "Na segunda-feira, quando eu entrar, quero a caixa de areia, representando aquela área onde costumamos fazer os exercícios da recruta, pronta".

O tenente conhecia o comandante e sabia que levantar obstáculos era pior. e o comandante, mais tolerante com os jovens oficiais do que com os oficiais superiores e capitães, foi acrescentando:

- "Tem todo o apoio que precisar: pessoal para o ajudar, carpintaria à sua disposição sem limites de horas, uma viatura para ir onde for preciso, cobertura para as despesas. Mas a caixa de areia, tem de estar pronta. Ficam aqui o fim-de-semana enfiados, mas depois arranjam-se uns dias de dispensa para compensar isso".

O tenente engoliu a raiva que lhe crescia dentro. Lá se ia o programa que tanto custara a preparar para sábado e domingo...

**

Mãos à obra, o nosso jovem tenente fez o levantamento das tarefas: escolher pessoal auxiliar; constituir a caixa de madeira; fazer o levantamento topográfico, pela carta, da faixa de terreno a reproduzir; arranjar a areia argilosa (nem sabia onde); moldar aareia na caixa, de acordo com as cotas, distâncias, flutuações do terreno, determinadas pelo levantamento topográfico; adquirir e construir bonecos e símbolos figurativos para as unidades, armas, viaturas, estradas, caminhos, via férrea, pontes, rios, povoações, muros, áreas cobertas pelos diferentes tipos de vegetação. Era um empreendimento hercúleo e tinha de jogar com o tempo, pois o comércio fechava e nas outras unidades, onde poderia tentar obter eventuais apoios, a partir do meio-dia de sábado, não encontraria ninguém. Não havia dúvida, o comandante era maluco.

Reunido com o seu grupo de trabalho, destribuiu funções por forma a que as tarefas fossem simultâneas e concorrentes: o sargento das oficinas tratava do problema da carpintaria; ele fazia o levantamento topográfico; o aspirante ia tratar de descobrir a areia própria; o furriel ia comprar os materiais necessários; o cabo ia recolher verduras, pequenas pedras e outros materiais disponíveis nos recursos locais. Quando estas tarefas estivessem terminadas, todos participariam na moldagem da caixa de areia.

Foi um fim-de-semana extenuante, por vezes ameaçando não ter sucesso.

**

Na segunda-feira à alvorada o trabalho estava concluído. Pouco rigoroso, só grosseiramente correspondendo ao levantamento topográfico, mas capaz de ser mostrado ao general que, no entanto, não teria qualquer dificuldade em ver que a caixa tinha sido acabada de fazer para o Director da Arma ver.

Quando o corneteiro tocou a sentido, anunciando a entrada do comandante, o tenente e a sua equipa lá estavam, esgotados, junto à sua obra. O segundo-comandante e os majores foram cumprimentar o comandante à entrada, que logo quis saber:

- "Então a caixa de areia?" E sem dar tempo a resposta" Vamos lá ver".

E foram, passo acelerado, todos atrás do comandante.

Entrados na sala onde se erguia a caixa de areia, o comandante, sem sequer ver os ensonados construtores, olhou deu a volta à caixa, exibiu um ar feliz e, virando-se para o tenente-coronel e majores, despachou:

- "Como vêem, para mim não há problemas".

Virou as costas e saiu porta fora, para se preparar para receber o general. Ao tenente e sua equipa, nem um olhar, nem uma palavra. Esquecera completamente que mais alguém, além dele próprio, tivesse contribuído para que aquele trabalho se tivesse concluído. Os dias de dispensa para compensar o fim-de-semana, parece que ainda hoje, trinta e tal anos volvidos, estão para gozar.

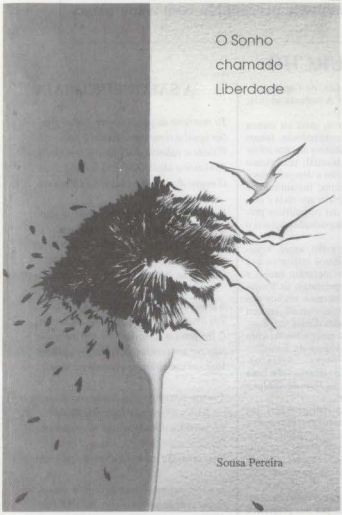
O Director da Arma que o que pretendia era ver a instrução da Escola de Recrutas, nem sequer foi ver a caixa de areia. E esta, ao que se sabe nunca chegou a ser utilizada.

E afinal o coronel, mesmo sem ter exibido a sua caixa de areia, foi nomeado para o curso e acabou com as suas estrelas de general.

Sem problemas...

Pedro Pezarat Correia

(*) Na terminologia militar, "caixa de areia" é um excelente auxiliar de instrução. Uma caixa de madeira rectangular, de dimensões variáveis mas na ordem dos 4 a 6 m², cerca de 20 cm de fundo, aberta na parte superior e assente num cavalete por forma a ficar a cerca de 1 m do chão. Enche-se com uma areia muito fina, argilosa, parcialmente moldável, com a qual se dá forma a um compartimento de terreno que se pretende reproduzir, com os seus acidentes naturais, cursos de água, vias de comunicação, pontes, aglomerados populacionais, cobertura vegetal. Em princípio, deve representar, à escala, um determinado sector da carta topográfica. Sobre a caixa de areia, com símbolos móveis figurando unidades tácticas, armas, viaturas, obstáculos, etc., podem animar-se exercícios, planificá-los, ou analisar a forma como decorreram.



Sousa Pereira ofereceu à A25A um exemplar do seu livro de poemas "O Sonho Chamado Liberdade".

Com ilustração de Fátima Romão, são cerca de 40 páginas de poesia intimista misto de memória e esperança, em que o 25 de Abril está sempre presente. *"Quero que saibam Abril aqui não está interrogado"*, avisa o leitor a abrir. E a encerrar *"É preciso aprender a voar, a falar, a andar, a olhar, a sentir e "VIVER UM RIO CHAMADO ABRIL"*. Entre a abertura e o fecho, *ABRIL e LIBERDADE* são palavras constantes.

MANTENHA AS QUOTAS EM DIA

COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

Informa-nos esta companhia que os sócios da A25A passam a ter desconto de 50% em todos os seus espectáculos levados à cena no Teatro Municipal de Almada.

Apraz-nos registar este gesto de solidariedade e aguardamos que os nossos associados respondam com a sua presença.

Vá a Almada e veja bom teatro a preços reduzidos.

COLABORE NO BOLETIM

"DESCOLONIZAÇÃO DE ANGOLA

A jóia da Coroa do Império Português"

de Pezarat Correia

Este livro em cujo lançamento a A25A participou em Novembro do ano passado, foi agora lançado em Angola, em nova edição, da responsabilidade da Editora angolana "Ler e Escrever".

FISHER LOPES PIRES, tem sido dos nossos mais regulares colaboradores. A página de opinião é neste número, totalmente preenchida com a sua prosa e os seus poemas.

VARIAÇÕES SOBRE UM CRAVO MURCHO

Li, há largos tempos, um excepcional artigo de Hans Magnus Enzensberger intitulado "As Virtudes Arcaicas dos Portugueses". Nele é feita uma radiografia, extremamente dolorosa mas verdadeira, do nosso povo.

Numa análise amarga e dilacerante, o autor escalpeliza a idiossincrasia lusitana, aponta o nosso alheamento da realidade, afirma que no atraso decadente dos portugueses há uma certa inocência e considera o que se passa nestas paragens como um verdadeiro milagre: O milagre negativo.

Referindo-se à nossa absoluta incapacidade de organizar, de programar, de lutar decididamente pelo concreto, Hans Enzensberger cita o nosso culto permanente pelo sobrenatural, a nossa esperança continuada de sempre vir a aparecer um Messias que nos salvará de apuros, seja ele D. Sebastião, a Virgem de Fátima ou Salazar.

Hans Enzensberger cita o nosso culto permanente pelo sobrenatural, a nossa esperança continuada de sempre vir a aparecer um Messias que nos salvará de apuros, seja ele D. Sebastião, a Virgem de Fátima ou Salazar.

Tudo isto e o mais que é apontado nesse artigo brilhante me volta agora ao espírito depois de passados já 18 anos sobre a Revolução dos Cravos. E esse rememorar traz a resposta para a pergunta que muitas vezes ponho a mim próprio: Como foi possível que o 25 de Abril se transformasse "nisto"?

Apagou-se rapidamente a explosão de energia criativa que, embora com excessos compreensíveis após quarenta e oito anos de mordaça, então se verificou. Reinstalaram-se o oportunismo acomodatício, a corrupção, o culto pessoal, a ambição do poder.

Existe uma democracia formal que, todavia, não resolve nenhum daqueles que se podem considerar os mais graves problemas nacionais: A insegurança no emprego persiste; os salários em atraso só teoricamente estão eliminados; as graves situações da saúde, da educação e da justiça continuam por solucionar; a independência nacional mantém-se fortemente sujeita a condicionalismos externos; a estagnação medieval das mentalidades mantem-se. Será que a mediocridade tem de ser forçosamente uma constante histórica da nossa vida?

Tudo isto é, em termos gerais, presenciado pacífica e apaticamente pelos portugueses. Esta profunda irresponsabilidade colectiva reforça a esperança congénita no Messias salvador. O nosso desgraçado povo continua a preferir que alguém, de ar ascético e convicções aparentemente firmes, decida unilateralmente o destino comum em vez de ele ser delineado participadamente nos seus grandes objectivos. Mantem-se a habitual demissão perante o definir de um futuro que é de todos.

O nosso desgraçado povo continua a preferir que alguém, de ar ascético e convicções aparentemente firmes, decida unilateralmente o destino comum em vez de ele ser delineado participadamente nos seus grandes objectivos. Mantem-se a habitual demissão perante o definir de um futuro que é de todos.

Terá sido para isto que nós, os Capitães de Abril, fizemos a Revolução? A resposta só pode ser uma: NÃO!

Com todos os nossos erros, mais ou menos graves, com toda a nossa inexperiência, fomos afinal os únicos que concretizaram alguma coisa: Acabámos com a guerra colonial; realizámos uma descolonização que não foi a desejada mas a permitida pelas circunstâncias; instaurámos a Democracia; devolvemos o poder aos civis e retirámo-nos da cena. A partir dai os políticos profissionais instalaram-se e a degradação retomou o seu implacável ritmo.

Onde estão, agora, aqueles ingênuos militares que uns consideraram heróis e outros apelidaram de traidores? Entretanto muitos dos que se opuseram ou jogaram em atitudes dúbias têm assumido as mais altas funções na hierarquia do Estado e das Forças Armadas. Estranho destino de uma Revolução feita de sonho e de utopia...

Mas é indispensável que os portugueses acordem e sacudam a apatia, recriem o 25 de Abril, façam renascer a esperança. Temos de descer à realidade e lutar denodadamente pelo concreto, de nos empenhar a fundo nas batalhas do desenvolvimento harmónico e da cultura, de reformular a nossa vida, de mostrar firmeza e decisão na construção do presente, de definir por nós próprios o futuro que é de todos.

Há que dizer não aos politiqueiros que por aí pululam, aos que jogam nos bastidores, à demagogia, aos corruptos, aos oportunistas, aos que sobrepõem a ambição pessoal ou a hegemonia partidária ao interesse nacional.

Há que mudar o rumo da História, uma História feita de glórias fugazes e de permanente miserabilismo. Era esse, afinal, o objectivo da Revolução.

Que é feito dos nossos sonhos, das nossas ilusões, dos nossos cravos? Olhamo-los, agora, secos e murchos e a amargura e a desilusão invadem-nos. Como foi possível que o 25 de Abril se transformasse "nisto"?

Mas no fundo, bem no fundo, aqueles que o fizeram continuam a pensar que valeu a pena, continuam a sentir que dentro de si o espírito de Abril se mantem bem vivo. Talvez, afinal, ele seja apenas um fantasma. Porém o tradicional culto lusitano pelo sobrenatural nos leve a acreditar firmemente em fantasmas. Ou não fôssemos, também e acima de tudo, genuinamente portugueses...

Nuno Fisher Lopes Pires

A SALGUEIRO MAIA

Tu morreste de pé! Soubeste, até ao fim,
Ser igual a ti mesmo, vertical e puro.
Viveste a valentia dos homens sem medo,
Sonhaste o ideal daqueles que rasgaram
O negro duma noite em luz de Liberdade.

Foste bandeira aberta flutuando ao vento,
Imagem de humildade e da vitória sol.
Os deuses perseguiram-te em louco pavor
Tentando macular o teu cravo de Abril
Que, firme, tu mantinhas bem chegado ao peito.

A tudo resististe e nem as vãs ofensas
Teu ânimo quebraram e puderam vencer
O íntegro carácter dum homem que sabia
Não ser um criminoso, como pretendiam,
Mas sim um militar incómodo e frontal.

A morte conquistou-te. Então, subitamente,
Os deuses libertaram lágrimas de dor;
Em pérfidos discursos logo te exaltaram,
Passaste a ser herói, exemplo a venerar,
Uma medalha até em teu caixão puseram.

E assim, perante o mundo atónito e suspenso,
O que eras já não és e és o que não eras.
Mudaram-se os conceitos, tal como convinhas:
Um morto já não lança pânico nos céus...
Que nojo me provoca tal hipocrisia!

Nuno Fisher Lopes Pires

25 DE ABRIL

E o sonho fez-se gente... Em ondas de alegria
O povo ressurgiu e invadiu as ruas
Vivendo intensamente a luz daquele dia,
Sentindo que, no céu, as nuvens era suas.

Os cravos que floriam, rubros como sangue,
Nos canos das G-3, no peito dos soldados,
Marcavam o destino duma Pátria exangue
Perante novos rumos há muito desejados.

O sonho era senhor! Viver, valia a pena!
Vibrava em cada peito a Grândola morena,
As lágrimas corriam, a luz era verdade...

O medo já morrera. Cantava-se, em delírio,
O fim da ditadura, o termo do martírio,
E o povo, enebriado, vivia a Liberdade.

Nuno Fischer Lopes Pires

RELATÓRIO DA OPERAÇÃO DAS FORÇAS ARMADAS REALIZADA EM 25 ABRIL DE 1974

Prosseguindo a publicação desta secção interrompida no número anterior, cabe hoje a vez ao relatório do Regimento de Infantaria 14, Viseu, assinado pelo então capitão Diamantino Gertudes da Silva. Este relatório engloba a constituição da coluna de unidades da Região Militar de Coimbra, que se concentraram na Figueira da Foz e constituíram um agrupamento sob o comando do capitão Gertrudes da Silva.

1. SITUAÇÃO

a) Generalidades

Definida e conhecida a missão da Unidade no conceito geral da manobra, foi recebida a indicação do dia D e hora H provável, bem como o anexo de Transmissões, texto da proclamação e instruções para confirmação da hora H, na madrugada do dia 24 de Abril de 1974, via contacto directo da comissão. Seguidamente o Capitão Amaral transmitiu instruções a Lamego e o Capitão Ramalho à Guarda. Depois de feito o planeamento local, ficou-se a aguardar a confirmação da hora H.

b) Forças Armadas

R.I. 10
R.I. 12
C.I.O.E.
R.A.P. 3
C.I.C.A. 2

C) Forças inimigas

R.I. 7
R.I. 15
R.I. 5 (s/ confirmação)

2. MISSÃO

A missão da Unidade dentro do esquema geral da manobra era, numa primeira fase deslocar uma companhia autotransportada para a Figueira da Foz, a fim de agrupar uma Companhia do R.I. 10, uma Companhia do C.I.C.A. 2 e uma bateria 10,5 cm do R.A.P. 3. Numa segunda fase, deslocar, depois de constituído na Figueira da Foz, o agrupamento November, tentando atrair as forças do R.I. 7 e R.I. 15, tentar obter a sua adesão. Numa terceira fase deslocar o agrupamento para Peniche a fim de preservar a integridade física dos presos políticos. Numa última fase deslocar o agrupamento para Lisboa a fim de reforçar as forças em operações na capital.

3. DESENROLAR DA ACÇÃO

242255Abr74 - Confirmação da hora H através da transmissão combinada dos "Emissores Associados de Lisboa"

25ø02øAbr74 - Confirmação da hora H através da transmissão combinada da "Rádio Renascença".

25ø13øAbr74 - Entrada dos cinco Capitães do Regimento. Convocação dos oficiais subalternos para esclarecimento da situação. Nomeação de oficias para controlo da central telefónica, posto de rádio da Ordem Pública, bem como do posto rádio do STM. Reforço imediato da vigilância periférica. Montagem de guarda às viaturas e vigilância sob dois srs. coronéis que pernoitavam no quartel.

25ø2øøAbr74 - Convocação para reunião, dos furriéis e cabo milicianos. Preparação da Companhia que viria a seguir para a Figueira da Foz. O capitão Ramalho tratou dos abastecimentos e sinalização das viaturas. O capitão Costeira procedeu à organização da coluna. Os capitães amaral e Augusto trataram do armamento e munições, não só da coluna como para o Quartel.

25ø32øAbr74 - Do QG/RMC chamam com urgência ao telefone o oficial de dia ou o oficial superior presente no quartel. Em face desse telefonema, mando que o oficial de dia atenda, comunicando, se fosse caso disso, que nada de anormal se passava no quartel.

25ø355Abr74 - A companhia de Caçadores autotransportada em 4 viaturas pesadas, 1 ambulância e o meu carro civil e comandada pelo capitão Costeira, sai do quartel, atingindo sucessivamente TONDELA, SANTA COMBA DÃO, LUSO, ANADIA, CANTANHEDE e chegando à Figueira da Foz pelas 7.30, onde, contactada a guarnição do R.A.P. 3 nos foi comunicado que havia cerca de 3 minutos que tinha partido uma coluna conjunta de subunidades do R.A.P. 3, Cica 2 e R.I. 10; partimos imediatamente no encalço da coluna e antes de Leiria fizemos um pequeno alto, para tomar disposições de segurança, municiar todo o pessoal, entrar em contacto rádio (não conseguido) e distribuílção da 1.ª refeição ao pessoal. Seguidamente continuámos o percurso passando Leiria e Caldas da Rainha sem qualquer oposição e atingindo Peniche pelas 13.30. Aí, na qualidade de Comandante do Agrupamento November, reuni-os comandantes das subunidades ali concentradas:

C. Caç. do R.I. 10 - Capitão Pizarro
C. Caç. do R.I. 14 - Capitão Costeira
C. Caç. do C.I.C.A. 2 - Capitão Rocha Santos
Bat. Art. R.A.P. 3 - Capitão Dinis Almeida
Oficial destacado da E.C.S. - Capitão Coutinho

Estudada a situação do objectivo local, o forte-prisão de PENICHE, o Cap. Coutinho deu-me conta da diligência efectuada àquele estabelecimento prisional, tendo entrado com os elementos da D.G.S. que o guardavam, estes terem respondido que não estavam na disposição de se renderem, mantendo-se portanto fiéis ao Governo vigente, aguardando ordens dos superiores hierárquicos.
Face a esta situação e, procurando evitar a acção de tomar o forte pela força, procurei obter ligação com o Posto de Comando do Movimento, via telefónica (os telefones estavam interrompidos) e depois via rádio, não conseguindo ligação por qualquer meio.
Em face disso decidimos que uma Companhia de Caçadores do C.I.C.A. 2 reforçada com duas secções de obuses do R.A.P. 3 permanecesse no local cercando o Forte e com os obuses apontados em tiro directo para o forte, deslocando-se o resto do Agrupamento em direcção a Lisboa onde se procurariam instruções mais precisas.
Dada a extensão da coluna e a natureza de algumas viaturas, atreladas com os obuses, este deslocamento tornou-se bastante moroso.

25ø83øAbr74 - Chegada da coluna às imediações do R.A.L. 1 em Lisboa; aqui, contactado o Capitão Simões, este informou que a Unidade ainda não estava em

situação totalmente definida, pois acabara de aderir nesse preciso momento; solicitados combustível e alimentação àquela Unidade, o seu Comandante aconselhou-nos a entrar em contacto com a Manutenção Militar. Procurado contacto com o PC do Movimento, o Cap. Simões informou-me que também não tinha contacto; como entretanto apareceu um oficial da EPI que estava com as tropas que ocupavam o Aeroporto, enviei com ele ao mesmo o Cap. Dinis de Almeida para estabelecer contacto; regressado pouco depois o Cap. Dinis de Almeida, trazia instruções para que todo o material pesado seguisse imediatamente para Monsanto; assim enviei para aquele local a Bat/Art/R.A.P. 3 comandada pelo Cap. Dinis de Almeida, enquanto com o resto do Agrupamento me dirigi para a Manutenção Militar onde se reabasteceram as viaturas e se requisitaram rações de combate para todo o agrupamento e para dois dias.
Em seguida com a C. Caç./RI 10 e C. Caç./RI 14, dirigi-me para o QG/RML; chegado aí, entrei em contacto com o Major de Eng.ª Mendonça Frazão, na altura comandante das forças daquele QG; este oficial entrou em contacto com o PC do Movimento, tendo sido decidida a constituição de um Agrupamento de reserva que passou a ser comandado pelo major Frazão. Nesta situação se mantiveram as forças do Agrupamento NOVEMBER até 272ØØØAbr74, data em que as forças do R.I. 14 e R.I. 10 iniciaram o seu deslocamento para Norte em direcção aos seus quartéis.

DESENVOLVIMENTO DA ACÇÃO DENTRO DO QUARTEL

25Ø355Abr74 Abr74 - Saída da companhia autotransportada. Início da montagem do dispositivo de segurança dentro do quartel. Constituição de um piquete reforçado, que ficou instalado na Casa da Guarda. Constituição de forças de reserva, divididas em equipas. Montagem de 5 metralhadoras BREDA e de dois Morteiros 81 mm, nos pontos estratégicos e mais sensíveis do quartel. Assumiu o comando do regimento na qualidade de oficial mais antigo o capitão Ramalho.

25Ø43ØAbr74 - Foi ouvido no Rádio club Português, o primeiro comunicado emanado do Posto de Comando do Movimento.

25Ø5Ø5Abr74 - Chegada à Porta de Armas do Ex. Comandante da Unidade. Alertados os capitães Ramalho e Amaral do facto, dirigiram-se à porta de armas, onde o primeiro destes oficiais informou o sr. coronel Azevedo do que se estava a passar e da posição tomada pela Unidade. Uma vez que aquele sr. oficial não quis aderir ao Movimento, foi-lhe negada a entrada no quartel, tendo-se retirado para a sua residência.

25Ø8ØØAbr74 - Começaram a chegar ao quartel alguns dos oficiais, sargentos e praças que pernoitavam fora, tendo-se facultado a entrada, sendo de imediato informados do que se estava a passar e da missão da Unidade.

25Ø83ØAbr74 - Foi notada pelo oficial que estava de guarda ao quarto do sr. coronel Gama, que este ser. oficial já se encontrava a pé, pelo que foi de imediato contactado pelos capitães Ramalho e Amaral, que o informaram do que se estava a passar na Unidade. Este oficial não concordou com tais atitudes, informando que não aderia ao Movimento e que se pudesse sair do quartel, iria para o Tribunal Militar como lhe competia. Foi-lhe autorizado tal procedimento, pelo que o sr. coronel Gama abandonou o quartel pouco depois.

25Ø85ØAbr74 - O Ex. Coronel Ferreira da Silva, saiu do seu quarto sendo logo abordado pelo Capitão Ramalho, que o informou do que se estava a passar. Este sr. oficial não fez comentários ao facto, dizendo que ia para o Tribunal Militar, pois tinha julgamentos nesse dia.

25Ø9ØØAbr74 - Entrada dos restantes militares que pernoitaram fora, seguindo-se procedimento igual ao anterior.

25Ø9Ø5Abr74 - Chegada à Porta de Armas do 2.° Comandante, sr. Tenete-coronel Graciano, que logo foi informado pelo Capitão Amaral do que se estava a passar e da posição da Unidade, ao que este oficial respondeu que aderia ao Movimento e por isso vinha para o Quartel, mas que iria comunicar este procedimento ao sr. Comandante.

25Ø93ØAbr74 - Regresso do Ex.mo 2.° Comandante, que logo entrou no Quartel, assumindo desde logo o Comando do Regimento. Também nessa altura o Capitão Amaral recebeu uma chamada telefónica do sr. Major Sanches, perguntando a evolução da situação e justificando a sua apresentação no Quartel até essa hora.

2511ØØAbr74 - Chegou à porta de Armas do Quartel o Ex.mo General Câmara, que mandou chamar o Comandante da Unidade. O sr. Ten. cor. Graciano deslocou-se à porta de armas e depois de verificar a sua identificação perguntou-lhe o que desejava. Aquele senhor oficial respondeu que desejava telefonar, tendo sido informado que tal não era possível em virtude da situação em que se encontrava a Unidade. Depois de haver insistido no seu pedido, aquele General afastou-se do Quartel ao ser-lhe de novo negada autorização.

2512ØØAbr74 - O major Sanches voltou a telefonar para o Capitão Amaral, a saber se tinham surgido problemas, pois tinha verificado a ausência de notícias através das estações emissoras, que deixaram de transmitir os comunicados do Posto de Comando do Movimento. Nessa altura foi-lhe comunicado que o sr. ten. cor. Graciano estava no quartel e tinha assumido o comando. Em face dessa informação aquele sr. oficial informou que iria almoçar e depois viria para o quartel.

25155ØAbr74 - Entrada no Quartel do Major Sanches. O Quartel manteve-se na situação de prevenção rigorosa, por ordem do Comandante da Unidade, Ten. Cor. Graciano, até ao regresso das forças que se deslocaram a Lisboa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

a. Actuação do Pessoal

(1) Pessoal que tomou parte activa na acção.
O pessoal que tomou parte activa na acção foi constituído por todos os capitães, oficiais subalternos, furriéis, cabos milicianos e praças. O seu comportamento foi regido pelo elevado espírito da missão que fora confiada à Unidade.

(2) Restante pessoal
(...) (Por motivos óbvios e por decisão dos responsáveis de "O REFERENCIAL" esta alínea é omitida".)

O Comandante do Agrupamento
Diamantino Gertrudes da Silva

Elementos activos da organização e concretização do movimento

Capitão Diamantino Gertrudes da Silva
Capitão Arnaldo Carvalhas da Silveira Costeira
Capitão Aprígio Ramalho
Capitão António Luís Ferreira do Amaral

OFERTE AOS SEUS AMIGOS AJUDANDO A ASSOCIAÇÃO

Não há ninguém que em determinadas datas (particularmente na quadra natalícia que se aproxima) não passe momentos de angústia para descobrir o que oferecer a amigos e familiares. Tantas vezes para acabar oferecendo inutilidades, apenas para cumprir um ritual. Talvez numa visita à nossa sede, o possa ajudar a resolver o seu problema. Aqui encontrará um vasto leque de opções que poderão agradar a alguém que tenha interesse pelas coisas relativas ao 25 de Abril. Entre livros, gravuras, serigrafias, discos, medalhas comemorativas, versando temas maisou menos relacionados com a revolução, ou que dela decorreram, encontrará certamente aquilo que lhe interessa e dará uma boa ajuda à Associação. Noutro local se publica uma lista daquilo que temos à sua disposição.

PUBLICIDADE

Os anunciantes começam a procurar o nosso espaço. Esperamos que depressa se multipliquem. Registe-se aqui o esforço que neste sentido tem desenvolvido o nosso associado e dirigente Viriati Camilo

V. S.

Depois da polivalência da Infantaria e da mobilidade da Cavalaria, Luís Vicente da Silva - traça-nos neste número, com o seu "cartoon" das páginas centrais, o peso da Artilharia. "A Artilharia sempre a postos", lhe chamou o autor. Para delícia dos coleccionadores

LOUREIRO DOS SANTOS

O general Loureiro dos Santos, com quem a A25A sempre manteve as melhores relações, e que se prestigiou pelas diligências que efectuou para que se resolvesse o problema da nossa sede, pediu a exoneração do cargo de C.E.M.E.. É um gesto que tem por causas razões que já temos abordado em "O Referencial" e que não vamos comentar. Mas registamos a coerência da atitude, que vai rareando

CRATERAS

CONVITES FEITOS À A25A

- AMASCULTURA/COM. INSTALADORA DO MUSEU DO NEO-REALISMO - MUNICÍPIOS DE VILA FRANCA DE XIRA
Inauguração da exposição e Sessão Solene
12/6/92

- COM. NACIONAL PARA AS COM. DOS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES/COMUNA
Estreia do espectáculo "Feira Vicentina" de Gil Vicente
19/6/92

- COMISSÃO COORDENADORA DA CDU
Encontro-Colóquio sobre a "Democracia política e a legislação eleitoral"
28/6/92

- MOVIMENTO ZLAN
Debate "Ambiente e Desenvolvimento - balanço da conferência do Rio"
7/7/92

- CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL
Exposição - O território, o Homem, a História
12/7/92

- CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA
Inauguração das exposições "Um atlier de cenografia" de Hernâni e Rui Martins e "Teatro Português" fotografias de Armindo Cardoso
14/7/92

- TEATRO DA CORNUCÓPIA
Estreia da peça "Apanhados no divã" de Joe Orton
17/7/92

- PARTIDO SOCIALISTA - FEDERAÇÃO DISTRITAL DO PORTO
Debate "Mastricht a defesa e segurança europeia"
17/7/92

- CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
Sessão de boas vindas ao Presidente da República do chile (senhor Patrício Aylwin)
21/7/92

- TEATRO MUNICIPAL DE ALMADA/COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA
Sessões da estreia da peça "La Música II" de Margarite Duras
24-25/7/92

- DIRECÇÃO DA FESTA DO AVANTE
Festa do Avante
4-5-6/9/92

- O CIDAC/INSTITUTO ALEMÃO EM LISBOA
Apresentação dos filmes "DJARAMA BOE" (Obrigado Boe) e YARAI YESSO (O caminho para a frente)
12/9/92

- ENCONTROS ACART 92
Espectáculo TIMBILA TA VENASI pela Orquestra de Marimbeiros e Bailarinos CHOPI
13-14-15/9/92

PUBLICIDADE

TEATRO ABERTO
A PARTIR DE NOVEMBRO

novo grupo *apresenta*

DE TERÇA A SÁBADO ÀS 21,30
SÁBADOS E DOMINGOS – MATINÉE – 16H

TEATRO ABERTO
DE
BERTOLT BRECHT / KURT WEILL
versão JOÃO LOURENÇO / VERA SAN PAYO DE LEMOS
dir. musical EDUARDO PAES MAMEDE
dramaturgia VERA SAN PAYO DE LEMOS colaboração nas canções JOSÉ FANHA
coreografia OLGA RORIZ
figurinos RENÉE HENDRIX cenário JOCHEN FINKE
encenação JOÃO LOURENÇO

COMPANHIA PATROCINADA PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

ASSOCIADOS FALECIDOS

- T. cor. Manuel Lopes Camilo
Sócio fundador 1309
- Artur Garibáldi Pereira Braga
Sócio efectivo 2219
- Fernando Piteira Santos
Apoiante 1539

FERNANDO PITEIRA SANTOS

Com este número de "O Referencial" já encerrado, recebemos a notícia do falecimento do nosso querido amigo e companheiro, Dr. Piteira Santos. Apoiante da A25A desde a primeira hora, "homem de Abril" dos mais sinceros e participativos nunca faltou, com a sua presença, com a sua palavra, aos actos mais significativos que envolviam a Revolução dos Cravos. Militante incansável da unidade de esquerda, "secretário-geral do partido dos independentes", como por ironia lhe chamávamos, mas que era a síntese do seu posicionamento político no pós-25 de Abril. A sua biografia política foi feita num oportuno texto do sr. Presidente da República no "Público" de 30 de Setembro último, que é também um resumo histórico da vida de um sector da oposição ao salazarismo. Desse texto, com a devida vénia, extraímos estas pequenas passagens. "A sua figura, nessa época distante, revestia aos meus olhos adolescentes, a aura romântica de um lutador político intemerato e de um intelectual consequente (...) Piteira tinha uma inteligência vivíssima, uma informação imensa sobre factos, doutrinas e pessoas, um sentido crítico e uma acutilância intelectual que faziam dele um dos preferidos de António Sérgio (...) Era por temperamento, um heterodoxo (...) tinha uma cabeça privilegiada (...) Sabia tudo sobre os últimos setenta anos da história pátria".

Piteira Santos discursando numa comemoração do 25 de Abril

A A25A, que acompanhou o seu funeral com a presença de inúmeros associados, entre os quais os presidentes da Assembleia Geral e da Direcção e o director de "O Referencial", associa-se a estas palavras do Presidente da República e rende homenagem a um daqueles a que chamamos, com justiça, de verdadeiro precursor do 25 de Abril.

PPC

Vítimas da Democracia

Se as vítimas das reais ou supostas injustiças cometidas pela Revolução do 25 de Abril vão ser generosamente indemnizadas pelo Estado democrático, que farão as vítimas da repressão e das arbitrariedades do salazarismo, desde os presos políticos aos estudantes expulsos das universidades?

Exigirão também indemnizações?

Mário Mesquita
"Público"
10 Julho 92

O Conselho da Revolução foi extinto há 10 anos

"De lamentar atritos destes, autênticas areias, esguichos intempestivos, no termo da carreira do Conselho da Revolução, cuja obra é francamente positiva na estruturação da democracia portuguesa."

Raul Rego, citado em
"Diário de Notícias"
12 Agosto 92

"Os conselheiros, sem embargo de algumas declarações menos adequadas às suas funções, menos correctas ou menos oportunas, souberam cumprir os seus compromissos morais e políticos."

Magalhães Mota
Idem

O Conselho da Revolução foi uma necessidade das forças políticas, e fomos nós que marcámos um prazo para o seu fim (...), e acabámos por sair como se fosse ao empurrão, apenas por tentativa de afirmação de alguns sectores políticos. (...)

Essencialmente o PS, mas também o PSD, pois era os dois maiores partidos portugueses e quiseram fazer uma afirmação pelo abaixamento dos militares que fizeram o 25 de Abril.

Victor Alves
entrevista em, Idem

"Sem o CR a contra-revolução teria sido maior do que foi."

Vital Moreira
Idem

Carlos Fabião

Fabião ia a zonas onde mais ninguém se atrevia a entrar e a guerrilha deixava-o passar para melhor proteger as populaões. Ele era mais do que um homem corajoso, conhecia a realidade guineense.

Jaime Sambu, ex-Guerrilheiro do PAIGC
"sábado"
7 Agosto 92

O 25 de Abril e a Paz

"O encontro entre as duas forças depois do 25 de Abril de 1974 foi muito rápido. Até parecia que não tinham passado onze anos de guerra". (...)

"No mesmo dia em que combatiam fizeram as pazes. (...)

Foi fantástico após 11 anos de guerra assistir a uma confraternização tão rápida. Havia a guerra mas, no fundo, não havia ódio."

Idem

Memórias dos que nunca ouviram um tiro

"Os que combateram nas antigas colónias recordam-se certamente mais da escola que ajudaram a construir do que dos tiros, que muitos nem sequer ouviram."

Soares Carneiro, na inauguração ao monumento aos mortos da Guerra Colonial em A-dos-Cunhados
12 Agosto92

Carta enviada pelo presidente da direcção da A25A, sobre a prevista alteração ao feriado do 25 de Abril

21 de Agosto de 1992

Ex.mo Senhor Ministro do
Emprego e da Segurança Social

A Associação 25 de Abril é uma associação de natureza cívica e cultural que tem por fim, entre outros, a consagração e divulgação do espírito do movimento libertador do 25 de Abril de 1974; a organização de cerimónias e outros actos evocativos e comemorativos do 25 de Abril; a divulgação, pedagogia e defesa dos valores e espírito democráticos.

Sendo uma associação sem fins lucrativos, de natureza altruísta, **a Associação 25 de Abril comporta neste momento a existência de 4903 (quatro mil novecentos e três) associados, militares e civis. Entre os militares inclui-se a generalidade dos que se empenharam no movimento libertador de Abril, quer na sua preparação e consumação, quer no processo subsequente à libertação e que seria o suporte da implantação do regime democrático que actualmente se vive em Portugal.** Podemos afirmar, sem receio de errar, que mais de 90% desses militares são sócios da Associação 25 de Abril.

Eis a razão pela qual a Direcção da Associação 25 de Abril, depois de ouvir informalmente o maior número de sócios que a actual situação de férias lhe permitiu, decidiu pronunciar-se sobre o projecto de decreto-lei relativo a feriados, colocado à discussão pública em 24 de Julho de 1992.

Não iremos analisar em pormenor todos os argumentos que constam do preâmbulo do referido projecto. Apenas diremos não perceber quais os inconvenientes e prejuízos que poderão advir para "determinadas actividades - de que são exemplos a industrial, a escolar e a turística - sujeitas a feriados eventuais, diferentes todos os anos..." Com efeito, a eventualidade dos feriados e a diferença do dia da semana dos mesmos, nos vários anos, não é minimamente desconhecida e inesperada para as diferentes actividades, mas é do conhecimento de todos com a antecipação que se desejar. Qualquer pessoa pode saber em que dia da semana irá "cair" um qualquer dia feriado, do próximo ano ou de qualquer outro ano. Bastará fazer contas, para o que até existem instrumentos comuns que nos fornecem esses dados. E na sua posse, bastará fazer um bom planeamento...

Para além do mais, parece-nos que todos os argumentos caem pela base, podendo mesmo duvidar-se se estas medidas não serão meramente demagógicas, quando se verifica que de dez feriados nacionais existentes, apenas quatro irão deixar de ser comemorados em data fixa.

Considera no entanto, a Associação 25 de Abril que o verdadeiro cerne do problema é de natureza política. Com efeito, não podemos compreender, nem aceitar que os argumentos que certamente estiveram na origem da manutenção de alguns feriados (a maioria) em data fixa, não servissem para igual solução para outros feriados. Nomeadamente, no que nos diz respeito **não podemos compreender nem aceitar que se considere feriado de 2. ª categoria " Dia da Liberdade, evocativo do dia 25 de Abril de 1974".** Não deixará de ser intrigante, incompreensível e mesmo caricato comemorar o dia do derrube do regime fascista, o dia da libertação dos portugueses, no dia 23 ou 24 de Abril, dias em que, em 1974, ainda vigorava esse regime odiado pela grande e esmagadora maioria dos portugueses. A não ser que não queiramos assumir a verdadeira natureza do dia 25 de Abril de 1974 e a sua ligação com o actual regime. E, para além do mais, recordemos o ditado do português que desaconselha os parabéns antecipados...

Muitos outros argumentos poderíamos estar a evocar para justificar a nossa discordância com a eventualidade de "o Dia da Liberdade" não vir a ser comemorado sempre no dia 25 de Abril. Até porque **estamos convencidos de que os verdadeiros amantes da liberdade o irão comemorar sempre nesse dia, data do seu nascimento.** Mais que não seja, no seu intimo...

Apesar de não nos dizer directamente respeito, em termos de estatutos consideramos que pela nossa natureza nos devemos igualmente pronunciar contra a eventualidade de "o Dia de Implantação da República" e "o Dia da Restauração da Independência" poderem vir a não ser comemorados no dia 5 de Outubro e no dia 1 de Dezembro, respectivamente.

Neste sentido, apresentamos a nossa discordância e o nosso protesto, para com as medidas previstas. Apresentamos igualmente o nosso pedido para a revisão do problema e para uma medida de recuo dos autores do projecto. Medida que não constituirá qualquer derrota para os mesmos, mas apenas um sinal de bom senso.

Com os melhores cumprimentos

O Presidente da Direcção
Vasco Correia Lourenço

C/conhecimento:
Presidente da República
Primeiro-Ministro

P.S. - Informamos que daremos conhecimento público da presente carta.

NORTE

EXPOSIÇÃO/VENDA DE PINTURA EM FAFE

Numa interessante cooperação entre a Câmara Municipal de Fafe e a A25A, através da sua Delegação Norte, esteve patente ao público durante cerca de dois meses, com início no passado dia 10 Julho, na Casa da Cultura daquele Município, uma exposição de pintura de obras doadas à nossa Associação, ou com parte das receitas da sua venda revertendo em seu benefício, no sentido de serem angariados fundos para uma futura Sede de Delegação Norte da A25A.

Foi um importante acontecimento em termos culturais, que não tanto em termos económicos.

De salientar a boa cooperação atingida entre a autarquia e a A25A, que muito nos apraz registar.

Inauguração da Exposição

Integrando esta iniciativa tiveram também lugar mais dois momentos culturais:

Em 20 de Julho, na Casa da Cultura acima citada, uma "conversa por música" com o Maestro António Vitorino de Almeida, que suscitou grande interesse entre a assitência e que constituiu um agradável momento de convívio e de cultura;

Em 27 de Julho, o mesmo maestro Vitorino de Almeida com um quinto de música de câmara apresentou um concerto na Igreja Matriz de Fafe, que teve enorme êxito, esgotando completamente a lotação daquele local.

Maestro António Vitorino de Almeida em actuação

FOI EM 25 DE ABRIL DE 1974

Nesta data, PORTUGAL por Deus se transformou,
Buscando a liberdade para nossa Pátria amada,
Foi meio século atroz que o povo escravizou,
E tal transformação fora bem aclamada.

Por capitães e soldados preparado o movimento
Para libertar a Pátria de tanta escravidão,
Nos canhões e nas armas, os cravos num momento,
Causaram esta revolta com o apoio da Nação.

foi nessa data, e, a todos apraz
Relembrar com firmeza veraz
Para fixar na nossa nobre história

Tal facto em todo o mundo apreciado,
Porque fora inédito e muito bem pensado,
É para a mocidade saber e gravar na memória.

Catassol, 3/7/92

Serafim Magalhães

MORREU O NOSSO CONSÓCIO A. GARIBÁLDI

Foi infelizmente verdade. No dia 20 de Agosto de 1992 a morte implacável e traiçoeira, arrebatou-nos abruptamente para sempre, um dos maiores vultos das letras portuguesas, o amigo A. Garibáldi.

Homem simples integro, vertical e bom, injustamente tantas vezes incompreendido e ignorado no nosso meio local, em virtude dos ideais e princípios verdadeiramente democráticos, que ao longo de toda a sua vida convictamente defendeu e acreditou.

Com 78 anos de idade, A. Garibáldi denotava ainda bem vincadamente frescas todas as faculdades que tanto o notabilizaram aquêm e além-fronteiras, como homem, poeta e escritor.

A sua morte deixou imensa saudade em todos aqueles que tiveram o privilégio de o conhecer ou com ele privar. Frontal na defesa daquilo que achava justo. A. Garibáldi era um homem de elevada estatura moral, intelectual e humanista, pautando a sua vida duma forma brilhante e digna, nunca amesquinhando, denegrindo ou prejudicando fosse quem quer que fosse.

Homem de renome nacional e internacional, descurado pela comunidade Felgueirense, e a quem esta muito deve, deixa uma valiosíssima obra literária que irá ser preservada e imortalizará para sempre.

Com a morte de A. Garibáldi, uma lacuna se abriu no campo das letras de nefasta e irreparável solução. Lutador antifacista, foi até à sua morte, um batalhador incansável e firme na defesa da liberdade, da justiça e da solidariedade.

...

O grande homem, poeta e escritor, ficou sepultado em campa rasa, tendo um funeral civil. Cumpriu-se a sua vontade.

...

Morreu A. Garibáldi, o Poeta, o Homem, o Amigo.
Viva a sua Obra.

Gualter José da Silva e Sousa
(Novo Director e Proprietário da Gazeta)
(Extratos de editorial da Gazeta de Felgueiras de que ele foi ilustre fundador e Director

VISITA CULTURAL AO CONCELHO DE BAIÃO

Em 19 de Setembro passado organizou esta Delegação uma visita cultural ao concelho de Baião.

Esta iniciativa, que teve bastante aderência, contou com a presença de inúmeros sócios, apoiantes e amigos da nossa Associação. Teve também a colaboração inestimável do sr. prof. Carlos Faria, dignissimo presidente da Assembleia Municipal de Baião, que nos acompanhou e foi o nosso guia durante toda a viagem. a ele se deve também o facto da Câmara Municipal de Baião ter oferecido um agradável almoço a toda a comitiva. Para ele o nosso muito obrigado, pelo interessante dia que nos foi proporcionado.

O passeio, que se iniciou percorrendo a auto-estrada até CROCA (Penafiel), continuou por Casais Novos e VILA BOA DE QUIRES, onde nos foi dada apreciar a bela frontaria barroca (séc. XVIII) da chamada CASA DO FIDALGO.

Após passagem pelo Marco de Canaveses, rumamos a SOALHÃES, tendo o nosso guia feito uma alusão à tragédia que há quase cinquenta anos enlutou aquelas paragens e que foi retomada como tema por Bernardo Santareno para a sua peça "O CRIME DA ALDEIA VELHA".

Chegados a Baião, onde efectuamos um pequeno circuito de autocarro, com início na Av. 25 de Abril daquela localidade, fizemos uma paragem para visita ao Museu Arqueológico Municipal e ao Centro de Artesanato.

Naquele Museu tivemos ocasião de apreciar peças que fazem parte do espólio das investigações em curso na Serra de ABOBOREIRA.

No Centro de Artesanato admiramos uma mostra das famosas "bengalas" entre outras peças do artesanato local.

O almoço seria então servido em Santa Marinha do Zêzere e foi um pouco demorado o que nos impediu de cumprir na íntegra o programa previsto.

Após o almoço partimos para SANTA CRUZ DO DOURO, onde efectuámos uma visita à CASA DE TORMES, imortalizada pela pena inconfundível de EÇA DE QUEIROZ no seu romance "A Cidade e as Serras".

Dali foi a aproximação ao Rio Douro, culminando na última paragem, na Junta de Freguesia de RIBADOURO, com um "pôr-do-sol" para "confortar os estômagos", onde o presidente daquela junta, bem como o presidente da Assembleia Municipal de Baião nos obsequiaram com simpáticas e sinceras palavras de amizade. O presidente da Delegação da A25A usou também da palavra para agradecer e na oportunidade ofereceu medalhas da Associação 25 de Abril a esses autarcas.

Dali foi a partida de regresso ao Porto, que nem a avaria sofrida nos últimos quilómetros pelo autocarro, impediu a satisfação de um dia bem passado.

PUBLICIDADE

TEATRO MUNICIPAL DE ALMADA

Vida do Grande D. Quixote de La Mancha e do Gordo Sancho Pança

de António José da Silva, "O Judeu"
Encenação JOAQUIM BENITE

"Um divertimento de fazer despregar as cadeiras do chão."
António Cabrita "Expresso"

COMPANHIA TEATRO DE ALMADA

A PARTIR DE 5 DE NOVEMBRO DE TERÇA A SÁBADO, ÀS 21.30H DOMINGOS, ÀS 16H

Rua Conde Ferreira, 2800 Almada · Tels. 275 21 75 / 275 65 67 · Fax 274 48 56

COMPANHIA PATROCINADA PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA E CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA

PUBLICIDADE

Decisões com Futuro

Trabalho - meio ambiente - cultura - - lazer - maior qualidade de vida.

- Construção de mais de 15 Km de novas estradas e vias industriais com destaque para a alternativa à EN 10.
- Pavimentação de mais de 40 Km de arruamentos.
- Aumento superior a 50% do abastecimento de água ao Concelho com mais 12 furos de captação, 4 novos reservatórios e uma estação elevatória em Laranjeiro, Vale de Milhaços e Cassapo-Charneca.
- Construção do Complexo Municipal dos Desportos "Cidade de Almada".
- Construção dos pavilhões desportivos municipais Caparica/Trafaria, Laranjeiro/Miratejo e Charneca.
- Construção de novas escolas C+S para Costa/Trafaria, Básica-integrada na Charneca e Básica na Quinta da Alegria.
- Construção da estação de Tratamento de Águas residuais na Quinta da Bomba.
- Obras de recuperação do Centro Histórico de Almada e restauro dos Palácios da Cerca e Solar dos Zagalos.
- Construção do Parque Industrial de Vale Figueira.

Almada Promete... e Faz.

CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA

VAMOS APRENDER BRIDGE! (17)

Continuando a apresentação do sistema e seguindo um critério lógico na sequência dos artigos, proponho-me hoje abordar as questões que se levantam ao perceiro do abridor em 1 em naipe, quando tem que proferir a sua 2.ª voz.

Quando o leilão começa a atingir este nível, as situações possíveis são enormemente superiores, na variedade, às que se apresentam nas aberturas, nas respostas às mesmas e nas 2.ª vozes do abridor.

É essa quase infinidade de situações, criadas pelo desenvolvimento do leião, que constitui um aliciante na prática do jogo do bridge, por representar um desafio à capacidade de cada jogador em encontrar, perante cada situação específica, a solução mais adequada.

1 – "2.ª VOZ DO RESPONDENTE APÓS UMA ABERTURA EM 1 EM NAIPE"

1.1 – O ANÚNCIO DE BICOLORES

Tal como acontece com o abridor também o respondente poderá utilizar esta hipótese de marcação, quer porque a sua mão apresenta este tipo de distribuição, quer porque não tem uma voz evidente, recorrendo a este "artifício" na esperança de obter mais e melhores informações sobre o teor (força e distribuição) do jogo do parceiro.

Poderá na sua 2.ª voz anunciar, o respondente, bicolores do tipo:

- Económicos
- Caros
- Em salto

Para o fazer terá que possuir mãos com as seguintes forças:

- Bicolor económico: - Até 12 DH
- Bicolor caro : - A partir de 13 DH
- Bicolor em salto : - A partir de 13 DH

Diz-se que o bicolor é económico quando se anuncia um segundo naipe que permite ao parceiro apoiar o primeiro naipe, do bicolor anunciado pelo respondente, ao nível 2 do leilão.

Sempre que tal não for possível, o bicolor anunciado não é "económico" mas sim "caro", sendo, obviamente, o valor da mão correspondente ao tipo do bicolor anunciado.

Daqui resulta que há que ter-se muito cuidado no anúncio dos bicolores, por forma a não se transmitir uma força que se não possui, com os inconvenientes decorrentes deste tipo de informação defeituosa, quer o seja por defeito quer o seja por excesso.

Atenção! O anúncio de um bicolor económico não é forcing para uma volta (na voz imediata o parceiro pode passar), enquanto que o de um bicolor caro ou em salto é forcing para partida (o parceiro não pode passar antes do nível de partida).

Exemplo de:

- Bicolores económicos:

N	S
1 ♣ – 1 ♠	
2 ST – 2 ♦	

N	S
1 ♣ – 1 ♠	
2 ♣ – 2 ♥	

- Bicolores caros:

N	S
1 ♦ – 1 ♥	
1 ST – 2 ♠	

N	S
1 ♣ – 1 ♠	
2 ST – 3 ♦	

- Bicolores em salto:

N	S
1 ♦ – 1 ♠	
1 ST – 3 ♣	

N	S
1 ♣ – 1 ♥	
2 ♣ – 3 ♦	

1.2 – ANÚNCIO DO QUARTO NAIPE

O anúncio do quarto naipe pelo respondente deve ser sempre interpretado como uma voz **forcing** para uma volta do leilão e como uma voz **convencional**, utilizada mais para pedir informações adicionais sobre o jogo do parceiro do que para transmitir elementos sobre a nossa mão.

Para que esta técnica de leilão seja possível de concretizar é necessário que o abridor não tenha rebidado em ST, pois se o houver feito o quarto naipe não pode ser anunciado pela 2.ª voz respondente.

O anúncio do quarto naipe pode ser feito de forma económica, valendo a mão do respondente um mínimo de 11 DH:

N	S
1 ♦ – 1 ♥	
1 ♠ – 2 ♣	

De uma forma "cara", com as mãos com, pelo menos, 13 DH:

N	S
1 ♦ – 1 ♥	
2 ♣ – 2 ♠	

sendo neste caso forcing para partida.

Ou anunciando o quarto naipe em salto, com mãos de, pelo menos, 16 DH e indicando, formalmente, a existência de, pelo menos, 5 cartas no primeiro naipe do bicolor e, pelo menos, 4 cartas no segundo naipe do bicolor:

N	S
1 ♦ – 1 ♥	
1 ♠ – 3 ♣	

Ao que referimos há apenas uma excepção, que se refere ao anúncio do 4.º naipe ao nível de 1 do leilão.

Nesta sequência:

N	S
1 ♣ – 1 ♦	
1 ♥ – 1 ♠	

a mão de S pode ter um mínimo de 7 DH e não de 11 DH.

Dado o anúncio do 4.º naipe ser uma voz artificial (a menos que feita ao nível 1 do leilão), o parceiro deverá ter tal facto em atenção no desenvolvimento do leilão.

Para poder rebidar em ST terá que possuir defesas nesse quarto naipe, dado que o seu anúncio pelo parceiro nada significa sobre o teor ou existência de cartas neste naipe.

Resumindo, poderei concluir dizendo que o abridor deverá, na sua resposta a um quarto naipe anunciado pelo parceiro, esforçar-se por precisar a força e a distribuição da mão que possui.

O espaço habitualmente disponível obriga-nos a ficarmos por aqui.

No próximo número continuaremos a desenvolver o assunto que hoje abordámos.

Um abraço amigo,

Luís Galvão

TORNEIO DE TÉNIS A25A 1992

Terminou o torneio organizado pela nossa Associação. Da sua organização e da forma como decorreu, algumas conclusões devem ser tiradas. Uma, que consideramos importante, é a de que existem no seio da A25A pessoas dispostas a dar uma sapatada no tédio que se vai insinuando na nossa vida individual e colectiva, através da actividade física e do convívio porporcionados pela prática desportiva.

Foi agradável verificar como um grupo de sócios da A25A, solicitados por muitos afazeres de ordem profissional e particular, se empenhou na prossecução da actividade proposta. Foi gratificante constatar como de entre os participantes (e das mais inesperadas origens), surgiram propostas e colaborações, as quais implicaram por vezes sacrifícios aos seus autores, mas sem os quais os objectivos do torneio, embora obviamente modestos, não teriam sido atingidos.

Houve também dificuldades de organização e, até, talvez, erros. Alguma precipitação no lançamento do torneio e o reduzido número de inscritos porventura em consequência disso) foram factores negativos. Serão tidos em conta em próximas realizações que se pretendem experimentar.

Quanto aos resultados desportivos propriamente ditos, após uma fase de apuramento ficaram seleccionados para a disputa dos 1.º/2.º lugares e dos 3.º/4.º os sócios Manuel Pedroso de Lima, Pezarat Correia, Martins Lopes e Marques dos Santos, sendo os jogos finais disputados nos "courts" do Clube Escola de Ténis de Oeiras, com a presença do Presidente da Mesa da Assembleia Geral da A25A Carlos Fabião. Manuel Pedroso de Lima viria, com todo o mérito, a ser vencedor da final que disputou com Pezart Correia. Queremos no entanto salientar que todos os inscritos, que incluiam, para além dos finalistas já mencionados, os sócios Vasco Fernandes, M. Tierno Bagulho, António Pedroso de Lima, Carlos alberto Moniz, Pedro Osório e José Proença, são credores de admiração pela forma como se disponibilizaram (a si e ao seu valor como praticantes) para participarem no torneio.

A todos eles e, também, a outros sócios que não puderam por qualquer motivo participar, aqui fica desde já a "ameaça" de que vamos prosseguir. Brevemente serão convidados a pronunciar-se.

Manuel Rodrigues

(Continuação da pág. 1)

2. Alberto João Jardim, em entrevista bem ao jeito da sua incontrolável verborreia, querendo destacar o seu passado democrático marcelista, expressou a seguinte ideia, ainda que não exactamente por estas palavras: com a acção da "ala liberal" o regime estava num processo de democratização, processo que só não se consumou porque o 25 de Abril o veio interromper.

3. Em debate televisivo, dois antigos membros do Governo de Marcelo Caetano, José Hermano Saraiva e Rogério Martins, invocaram o "espectacular" progresso e desenvolvimento económico do consulado caetanista, abruptamente interrompido pelo 25 de Abril.

Os portugueses mais informados, particularmente os que já dobraram os 40 anos e têm, do "Estado Novo", saber da experiência sofrida, sorririam de desprezo, perante a demagogia destas especulações, se elas fossem ingénuas. Mas como são intencionais, suscitam indignação e exigem resposta. Em especial porque são pedagogicamente intoleráveis para as gerações mais jovens, que daqueles negros tempos apenas têm um conhecimento diferido, através do que ouvem e do que leem.

Não é credível a secreta vocação para a autodeterminação que Kaulza atribui a Salazar. Mas impunha-se que aquele explicasse como se processaria a "informação exaustiva e isenta", num regime que se apoiava na censura, que prendia cidadãos por delitos de opinião, em que o tema colonial era tabu, mesmo nas fileiras da União Nacional. E também como se faria a "consulta igualmente isenta", sabido que é que durante os 48 anos de regime nunca houve eleições livres, a opinião era reprimida, impedida a circulação de ideias contrárias ao poder, viciados os resultados eleitorais, perseguidos os candidatos da oposição até ao limite bárbaro do seu assassinato. Há limites para a hipocrisia política...

Também Alberto João Jardim baralha os factos. Em 25 de Abril de 1974 a "ala liberal" estava totalmente ultrapassada, denúncia que vinha do interior das suas próprias fileiras. Fracassada a pretensa "primavera marcelista", Caetano estava completamente refém dos ultras do regime. Incapaz de enfrentar as contradições centradas na questão colonial, a abertura reduzira-se a meia-dúzia de alterações semânticas: de União Nacional a Acção Nacional Popular, de PIDE a DGS, de censura a exame prévio, de Estado Novo a Estado Social. No conteúdo, permanecia o partido único, as eleições viciadas, a censura, as perseguições políticas, a ausência de liberdade, a sociedade oligárquica, a guerra colonial. O 25 de Abril não interrompeu qualquer curso democratizante. Pelo contrário, desbloqueou um regime fechado sobre si próprio, incapaz de se reformular por dentro. O dislate de Jardim não surpreende, mas não resiste ao mais simples confronto com a realidade.

Compreende-se que Hermano Saraiva e Rogério Martins invoquem os pretensos êxitos tecnocráticos do governo marcelista. Mas essa análise ficará incompleta se omitir as condições objectivas que sustentaram o crescimento: os baixos salários, a ausência de livre sindicalização, de direito à greve e de negociação colectiva, as precárias condições de assistência social, o surto de emigração com os portugueses a procurarem no estrangeiro a vida digna que o país lhes recusava. O crescimento económico assentara numa conjuntura de petróleo barato e não resistiu ao choque energético de 1973. O 25 de Abril não interrompeu nenhum processo de desenvolvimento acelerado, pelo contrário, encontrou o país numa fase de recessão económica que o isolamento internacional ameaçava agravar.

O 25 de Abril tem sabido enfrentar os ataques por mais violentos, com que têm procurado desfigurá-lo. A sua defesa passa também pela desmontagem destas mistificações, engenhosas ou grosseiras, que sugerem que, afinal, ele poderia ter sido dispensável.

A verdade objectiva não tem nada a ver com tais subtilezas. Pugnaremos para que ela prevaleça.

PEDRO PEZARAT CORREIA